

EUA não crêem em moratória

MOÍSÉS RABINOVICI
Correspondente

Quando soube que no Brasil anuncia-se a suspensão de um pagamento por causa de um problema de computador, um funcionário do governo americano reagiu: "Isso pode criar um clima de desconfiança". E mostrou surpresa: "É a primeira vez que ouço falar disso". Seria "o vírus da moratória"?, perguntou-lhe a Agência Estado.

O governo americano não está esperando nenhuma nova moratória brasileira, segundo ele. O embaixador brasileiro em Washington, Marcílio Marques Moreira, também a descartou. O *Financial Times* de ontem, citando o ministro Mailson da Nóbrega, a desmentiu. O Comitê de Bancos Credores não ouviu nenhuma ameaça do assessor internacional do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral, nem do diretor da área de dívida externa do Banco Central, Arnin Lore.

Ao contrário: os banqueiros só não estão mais contentes com o Brasil por causa de sua decisão de suspender as operações de relending e de conversão da dívida. Os balanços do último trimestre de 1988 estão revelando os altos lucros que tiveram, justamente com o fim da moratória brasileira. E estão sendo divulgados, nesta semana, paradoxalmente, em meio ao noticiário do Plano Verão.

Ontem, no final da tarde, foi a vez do Citicorp, o maior credor do Brasil, divulgar o seu balanço: um lucro de 747 milhões de dólares, mais do que os 621 milhões registrados no mesmo período, um ano antes. O lucro do ano todo foi de 1.858 bilhão, revertendo os prejuízos de 1.182 bilhão de 1987, provocados pela necessidade de aumentar as reservas contra empréstimos duvidosos.

Só do Brasil, o Citicorp recebeu 436 milhões de dólares, no ano passado. O Chase Manhattan registrou um aumento nos lucros da ordem de 78.6%, no último trimestre, enquanto o Ma-



José Paulo/AE — 9/9/88

Arnin Lore, do BC: sem ameaças aos credores

nufactories Hanover ganhou nove vezes mais, no mesmo período.

Um banqueiro do Comitê de Bancos Credores disse à Agência Estado, no final da tarde de ontem, que "o governo brasileiro, realmente, tinha de transferir um pagamento de cerca de 500 milhões de dólares", ontem, mas avisou que "ocorreria um pequeno atraso, devido a um problema técnico". Segundo ele, a comunidade de bancos, em Nova York, não está interpretando o atraso como um sinal de uma moratória iminente.

"O ministro Mailson da Nóbrega prometeu que só deixará de fazer pagamentos quando não houver reservas suficientes", acrescentou o banqueiro. Um funcionário do governo americano em contato com os credores do Brasil confirmou que os emissários do ministro Mailson da Nóbrega tranquilizaram o mercado, dizendo: "O

objetivo do Plano Verão não é uma nova moratória".

O embaixador brasileiro Marcílio Marques Moreira sabia do atraso do pagamento e atribuiu aos feriados bancários decretados no Brasil com o anúncio do Plano Verão. Ele não imaginava que uma informação assim pudesse provocar o reinício dos rumores sobre uma nova moratória. E também ficou surpreso. Ele passou o dia exatamente onde uma notícia como essa teria um efeito explosivo: o Departamento do Tesouro.

O assessor internacional do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral, numa indicação a mais de que deixou o Comitê de Credores tranquilo, nos seus encontros de sábado e segunda-feira, passou o dia de ontem discutindo o aumento de capital do Banco Interamericano de Desenvolvimento, bloqueado há dois anos. De noite, ele deveria embarcar, em Nova York, de volta para o Brasil.